

ASPECTOS ECONOMICOS E SOCIAIS

Luisa Simas

Este artigo tem como objetivo retratar a crise económica mundial e seus efeitos em todos o mundo, juntamente com os programas de proteção a seus membros, criados pelo FMI, incluindo os países mais vulneráveis e enfraquecidos economicamente.

Desde o início da crise, em 2007, o FMI vem criando medidas para membros e não membros, afim de minimizar os impactos em todo o mundo. Como principais medidas adotadas, o Fundo ampliou sua linha de crédito, com isso conseguiu uma ampliação e simplificação em suas condições relacionadas a empréstimos, oferecendo assim US\$ 300 bilhões para empréstimos a países membros, dando maior ênfase na prevenção da crise mundial. Não só empréstimos sofreram alterações como também a adesão ao Fundo. Para atender as crescentes necessidades financeiras dos países atingidos pela crise financeira mundial e ajudar a reforçar a estabilidade econômica e financeira global, o FMI ampliou maciçamente sua capacidade de concessão de crédito desde a eclosão da crise, valendo-se da obtenção de compromissos para o aumento das subscrições de cotas dos países membros. Seguindo a mesma linha de proteção, o FMI também está promovendo medidas sociais, medidas para a ampliação e o melhor direcionamento de programas de rede de proteção social que possam mitigar o impacto da crise sobre os segmentos mais vulneráveis da sociedade.

Esses programas tem como principal objetivo ajudar seus governos a preservar e até mesmo ampliar os gastos sociais, inclusive com assistência social. Em especial, o FMI está incentivando medidas para expandir e melhorar o direcionamento de programas de proteção social que podem atenuar o impacto da crise sobre as camadas mais vulneráveis da sociedade. Como exemplo: "Na Bósnia e Herzegovina - O regime de benefícios baseados em direitos está sendo reformulado, com o auxílio do Banco Mundial, para melhorar seu foco e evitar o abuso dos critérios de habilitação. Grécia - Desde 2000, os gastos de previdência social na Grécia aumentaram cerca de 6% do PIB, atingindo um dos maiores níveis registrados na União Europeia. Por isso, os cortes nos gastos sociais são inevitáveis, inclusive no que se refere a pensões. Para minimizar o impactos, os cortes atingirão sobretudo os beneficiários de pensões mais elevadas e aqueles que recebem pensões complementares. O governo

também se comprometeu a rever outros programas de benefícios sociais, que são mal direcionados e têm uma". Uma das soluções possíveis para a crise está no países emergentes, Os Brics, poderiam contribuir para um fundo especial, destinado a aumentar o impacto do Fundo Europeu de Estabilização Financeira. Através dessa manobra, os países emergentes pretendem, sobretudo, aumentar sua influência no FMI, diz Dieter. Até agora, entre os assim chamados países emergentes, principalmente a China se ofereceu para ajudar a combater a crise do euro. O país asiático possui enormes reservas de capital e está aparentemente disposto a gastar parte desse dinheiro na compra de títulos estatais, desde que esses estejam assegurados pelo FMI. No entanto, tais injeções financeiras também implicam o perigo de que a Europa, da mesma forma que os EUA, se depare com uma forte dependência. Por outro lado, caso a crise da dívida na Europa se desenvolva rumo a uma recessão mundial, isso também prejudicaria o crescimento dos países emergentes.